

# A BOLSA DE BIELSA E OUTRAS HISTÓRIAS PARA ESPREITAR O FUTURO<sup>1</sup>

por

**João Carlos Louçã**<sup>2</sup>

**Resumo:** Questionando o Iluminismo na sua premissa da existência de uma Razão universal que Eric Wolf abordou em pormenor (1999) ou ainda daquilo que Sahlins chamou de “ilusão ocidental da natureza humana” (2011), a Antropologia pode ter no futuro um campo signi cativo para pensar o mundo em que vivemos. No capitalismo de vocação universal que o neoliberalismo conseguiu impor, a naturalização das ideias que o *justi cam* fazem parte de uma corrente hegemónica que transforma a ideologia neoliberal numa condição da natureza humana. As culturas de resistência são assim uma condição para pensar práticas contra-hegemónicas, ou simplesmente realidades sociais que escapam ainda à expropriação de bens comuns, à privatização do futuro enquanto espaço de desejo e de imaginação coletiva. Na praxis da utopia concreta de Bloch (1982), pode residir o horizonte da expectativa de que o que está para vir existe já.. Existirá maior desa para as ciências sociais?

**Palavras-chave:** Utopia; Resistência; Contra-hegemonia.

**Abstract:** By questioning the Enlightenment on its premise of the existence of a Universal Reason that Eric Wolf tackled in detail (1999) or of what Sahlins called the “Western illusion of human nature” (2011), Anthropology may in future have a signi cant eld for thinking the world we live in. In the capitalism of a universal vocation, that neoliberalism has managed to impose, the naturalization of the ideas that justify itself is part of a hegemonic current that transforms neoliberal ideology into a condition of human nature. Cultures of resistance are thus a condition for thinking counter-hegemonic practices, or simply social realities that still escape the expropriation of common goods, the privatization of the future as a space of desire and collective imagination. In Bloch's (1982) praxis of concrete utopia, there may lie the horizon of the expectation that what is to come already exists.. Is there a bigger challenge for the social sciences?

**Keywords:** Utopia; Resistance; Counter-hegemony.

São eloquentes as fotografias de abril de 1938, tiradas em Saint Lary Soulain, durante os quatro dias em que aquelas montanhas dos Pirinéus entre Aragão e a Occitânia francesa viram cruzar a fronteira mais de seis mil pessoas que fugiam do avanço das tropas de Franco. *A Bolsa de Bielsa* como esta história é conhecida, foi uma das muitas histórias da resistência ao avanço dos nacionais. Uma história de cumplicidade com a população que tinha visto em poucos anos todas as esperanças de mudança afundarem-se na guerra. No êxodo civil, que durou vários dias pelas montanhas com neve, a aviação de Hitler e Mussolini bombardeava as aldeias abandonadas em dias alternados. No ensaio das novas técnicas de terror pelo ar, o resultado foi a mesma destruição que em Guernica. A fuga da população, evitou o pior.

Pouco tempo antes, a frente do Ebro tinha caído e as forças da República retiravam para os territórios onde ainda podiam combater: Catalunha e Valência. Bielsa era vale fronteiriço onde, nesta retirada, a 43ª Divisão do exército republicano resistiu durante 166 dias e guardou livre o acesso à fronteira. Poder-se-à estranhar, como algum capricho da História, que um pequeno vale dos Pirinéus de Aragão, tenha protagonizado a resistência extraordinária das causas perdidas – porventura só visivelmente perdidas a esta distância. Sete mil homens esgotados, mal armados e em risco de debandada, contra uma força duas vezes superior, suportada pela aviação alemã e italiana,

---

1 Publicado em *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 60 (2020): 513-531. [https://revistataeonline.weebly.com/uploads/2/2/0/2/22023964/abolsa\\_joaolouca\\_tae60.pdf](https://revistataeonline.weebly.com/uploads/2/2/0/2/22023964/abolsa_joaolouca_tae60.pdf).

2 Antropólogo, investigador no Instituto de História Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa

com as armas mais modernas. A central elétrica de *Lafortunada* justificava o interesse estratégico do vale. De tal maneira que perante a previsível retirada das forças republicanas, um acionista da sociedade de exploração da central reúne-se com Beltrán, comandante-chefe da 43ª Divisão, para lhe oferecer dinheiro em troca da preservação da central. Beltrán faz o contrário e, na retirada, dinamita a central, que por algum tempo, não poderá produzir eletricidade.

Martin Arnal Mur tinha noventa e sete anos em abril de 2018. Tinha quinze quando a guerra começou e dezassete no episódio de Bielsa. Com a calma ganha com os anos, contava que era demasiado jovem e que por isso, apesar de mobilizado na Brigada Mista que retirava de Huesca, não tinha um fuzil, mas combatia com uma pá com que ora escavava trincheiras, ora sepulturas. Em junho, é dos últimos a passar a fronteira depois de ter cruzado as aldeias destruídas. “Espetáculo dantesco”, garante. Como a outros combatentes que chegavam a França, é-lhe dado a escolher reentrar em Irun, para território controlado pelos franquistas ou entrar pela Catalunha e voltar ao combate. Como quase todos os seus companheiros, volta à guerra. Até a derrota se instalar por todo o lado. Cai Barcelona, cai Valência, cai Madrid. A República vai para o exílio. Nesse momento, Martin, volta a entrar em França onde escapa de um fuzilamento provável. Pouco tempo depois França é ocupada pelas forças do Reich e Martin junta-se à resistência. “Simplesmente não quis fazer o que Petain nos exortou a fazer: obedecer ao inimigo”, contava naquele dia de abril de 2018. Como conhecia bem as montanhas, em 1944 teve como função passar pessoas pela fronteira, ali mesmo, na pequena aldeia onde essas fotografias faziam a exposição evocativa - hoje transformada nessa espécie de parque temático em que a montanha é local de lazer citadino e reserva etnográfica de formas de vida passadas - onde o esqui alpino garante visitantes e a economia local. Na mesma aldeia onde numa casa refúgio da resistência, Martin descansava com os seus passageiros e preparava-se para a última jornada de vinte quilómetros pela montanha. Vincent era o cúmplice e quem lhes garantia uma porta aberta, uma bebida quente, uma cama com palha. Martin, levanta a cabeça, olha em volta e pergunta se Vincent ainda vive. Já não, responderam-lhe, mas a sua viúva estava ali mesmo. Os dois levantam-se e procuram-se no meio da assistência. Os braços que se abraçam no reconhecimento. As palavras que trocaram foram entre eles. A emoção foi partilhada por todos que estávamos na sala onde se inaugurava a evocativa exposição fotográfica.

Houve outros testemunhos, de gente que fez aquela travessia. Lágrimas com as memórias dolorosas, de quem era criança e viu o seu mundo acabar de repente, a fugir das bombas que caíam dos céus, do “exército de mouros” como eram conhecidas as tropas franquistas, das atrocidades da vingança sobre as populações que lutaram ao lado da República, que acreditaram que as pessoas eram iguais e que a terra podia ser repartida. Lágrimas de quem se lembra ainda da receção solidária da população daquele lado da fronteira, dos comboios que nos dias a seguir os conduziram para campos de refugiados a que chamaram “campos de concentração”. Muitos preferiram voltar nos meses ou anos seguintes. Outros ficaram por França porque tinham familiares e amigos que nunca consideraram realmente aquela fronteira uma separação eficaz entre os povos da montanha. E houve também lágrimas das crianças francesas, hoje octogenárias, que viveram aqueles dias em que a aldeia se encheu de gente do outro lado e o quotidiano foi subitamente interrompido pela brutalidade e desespero que presenciavam sem entender. E outros relatos, mais atuais como o de António Escalona, como todos de Bielsa, filho e neto de refugiados, primeiro alcaide da democracia, eleito pelas listas do PSOE em 1979. Até 1982, já era autarca há três anos, era parado pela *guardia civil* a cada vez que entrava no carro para sair de Bielsa: arma apontada à cara, interrogado à maneira franquista. Uma transição onde as armas ficaram todas do mesmo lado, a impunidade também.

No dia dessa sessão, celebrava-se o 88º aniversário da proclamação da República, essa república efémera que viu acontecer um processo revolucionário ao mesmo tempo que travou e perdeu uma guerra - antecâmara da outra mundial que veio logo a seguir. Que na realidade teve ali um dos seus primeiros episódios depois da sublevação franquista em Marrocos e o apoio da Europa fascista, com a hipocrisia inglesa e francesa refugiadas numa neutralidade impossível e com a

cumplicidade ativa de Salazar. Mas também com a solidariedade proletária que combateu em todas as frentes através das Brigadas Internacionais, com milicianos e milicianas que fizeram das armas a sua utopia concreta.

Conta quem sabe, que na construção da central elétrica de *Lafortunada*, em Bielsa, inaugurada em 1923, os *senhoritos* que vieram de Barcelona e Madrid, com os planos e a responsabilidade da obra, faziam um homem e um burro subir todos os dias por um caminho de terra, seis horas para cima e outras tantas para baixo, só para lhes ir buscar o gelo com que gostavam de beber o café e as *copas* antes da sesta. Os magos da energia de então, construtores da industrialização da costa basca, de Saragoça e de Barcelona, não se privavam dos privilégios de classe que, sob muitos aspetos, eram ainda os do antigo regime.

Oitenta e oito anos depois, nesse dia 14 de abril de 2018, enquanto decorria esta sessão evocativa em Saint Lary, duas carrinhas de polícia deslocaram-se em urgência a uma destas aldeias para retirar e lavar o auto de desobediência a alguém que, na sua janela, colocou a bandeira tricolor da II República. Pouco tempo antes, a *alcaldesa* eleita pela esquerda da capital reunida na candidatura *Ahora Madrid*, via a 10 de abril, o tribunal administrativo nº 8 de Madrid decidir que não podia mudar a toponímia da cidade mexendo nos nomes de antigamente. No caso, “Calle caídos de la división azul”, a legião de voluntários falangistas que combateu sob o comando nazi na frente oriental da II Guerra Mundial, e a que Hitler chamava com ternura “maltrapilhos impávidos”. A *Operação Barbarossa*, que o antropólogo Eric Wolf definiu como exemplo da utopia racial do nacional socialismo na sua pretensão de instituir a imaginária comunidade do *Volk* <sup>3</sup>.

Fernando Rosas no seu trabalho sobre os regimes fascistas europeus associa o sucesso de Franco à capacidade de unificar num único partido, em plena guerra civil, a direita espanhola até então dividida entre falangistas, carlistas e a Renovação Espanhola. «O falangismo fascista e pro-nazi desempenha entre 1939 e 1942 um papel de marcante influência na ditadura franquista» <sup>4</sup>, e é nesse quadro que a Divisão Azul combate na frente Leste da II Guerra Mundial contra o exército soviético, até 1942. Destituído o seu chefe e ministro dos assuntos exteriores nessa data, Rosas vê nesse sinal uma perda de influência do falangismo mais radical pelo que nada faria prever que setenta e seis anos depois os tribunais da democracia os considerassem dignos da toponímia da capital espanhola.

Vem a propósito o testemunho de David Rousset, trotskista francês que em agosto de 1936, em Marrocos, conheceu Omar Abjeli e Mohamed Wazzani, dirigentes do movimento nacionalista marroquino<sup>5</sup>. Com eles viajou para Barcelona e estabeleceu contactos com o POUM (Partido Obrero de Unificación Marxista) e com o Comité Central das Milícias, organismo dirigido pela CNT (Confederación Nacional del Trabajo) e pela FAI (Federación Anarquista Ibérica). Durante o mês de setembro desse ano, negociaram e estabeleceram um protocolo, aceite por todos os partidos catalães, para a independência dos territórios espanhóis do Rif. Em contrapartida deste reconhecimento, do fornecimento de dinheiro e armas, os dirigentes marroquinos comprometiam-se a atacar a retaguarda de Franco e também sua base logística. Mas o acordo, celebrado com o governo catalão, tinha que ser aprovado por Madrid. A República, acossada e pressionada pelo governo francês, não estava pronta para se desfazer dos territórios coloniais. Dinheiro e armas para atacarem Franco ainda podia ser, independência é que não. Goradas as hipóteses, os dois marroquinos desinteressam-se do plano. Rousset ainda argumenta que melhor é fazerem o acordo, levarem as armas e depois fazerem com elas aquilo que bem entendessem, mas entre uma República

---

3 Eric R. Wolf. *Envisioning Power, Ideologies of Dominance and Crisis*. (Berkeley: University of California Press, 1999) p. 235

4 Fernando Rosas. *Salazar e os fascismos*. (Lisboa: Tinta da China, 2019) p. 67

5 Miguel Romero, *La Guerra Civil Española en Euskadi y Catalunya: contrastes y convergencias* (Barcelona: Editorial Silone, 2016).

colonial e um general de bigode que a tinha representado no território africano ocupado, os dirigentes marroquinos preferiram seguir o seu caminho, alheios aos destinos da Europa.

O episódio dá-nos talvez um vislumbre do que podem ser os caminhos de uma História que podia ter sido uma coisa mas que foi outra, dos “ses” intermináveis que nos fazem pensar nas circunstâncias e nas pessoas que foram protagonistas e que em larga medida determinaram o mundo que veio a seguir e aquele em que vivemos hoje. O “se” desta história marroquina, podia ter mudado o curso da guerra. É um “se” gigantesco, capaz de nos fazer formular outras perguntas. E se a guerra de Espanha tivesse significado uma derrota das forças fascistas na Europa? E se Madrid e Valência nunca tivessem caído, e se Estaline nunca tivesse tomado o controlo de Barcelona acabado com as milícias e decapitado o POUM e a CNT? E se Picasso nunca tivesse tido de pintar Guernica? E se a Legião Condor, Hitler e Mussolini tivessem tido em Espanha a sua primeira derrota? E se o êxodo da população de Bielsa nunca tivesse acontecido e hoje não houvesse filhos de refugiados mas filhos e netos de quem tivesse conseguido expulsar os fascistas das suas terras?

E se Mário Dionísio, por cá, ouvido colado à rádio, a ouvir Rafael Alberti declamar o seu “Romance em defesa de Madrid”, sentindo essa guerra como sua, apesar ou talvez por causa do «país agrilhado, esvaziado, dos amigos presos e torturados»<sup>6</sup>, nunca tivesse desesperado com o *No Pasáran?*

Mas a História não se faz no condicional e os seus sentidos serão talvez melhor entendidos se olharmos os momentos que não se cumpriram nas promessas de um futuro que não aconteceu. Nesses vislumbres desfocados, estarão as utopias dos séculos anteriores que fizeram a guerra de Espanha e que fizeram Martin, e tantos outros da sua geração, combater sempre, sem desistir.

Cabe aqui perguntar se serão as utopias dos séculos XIX e XX responsáveis pelas atrocidades das guerras e do mundo caótico em que vivemos? Serão estas o pecado original de todos os conflitos, nas suas aparências políticas ou religiosas? Será Rafael, o viajante português, personagem de More, que nos conta a vida na Ilha da Utopia, um verdugo disfarçado para os tempos que estavam para vir?

Salazar, que olhava para a guerra de Espanha com apreensão, manobrou a diplomacia do país para permanecer debaixo da tutela do império britânico, simulando neutralidade, ao mesmo tempo que era um agente ativo no apoio aos desígnios militares de Franco e dos nacionalistas no conflito. Em discurso proferido no dia 6 de julho de 1937, perante oficiais do exército e da armada que o foram felicitar por ter sobrevivido a um atentado, Salazar evocava longamente a aliança e cumplicidade com a Inglaterra, mas ao mesmo tempo não deixava dúvidas sobre a sua posição ativa no conflito que decorria em Espanha: «Alguns não acreditam no perigo comunista: nós, ao contrário, vemo-lo, sentimo-lo, tememos se instale em Espanha com a ajuda estrangeira (...) daqui vem a nossa oposição a que a não-intervenção funcione em detrimento do nacionalismo espanhol, barreira entre Portugal e o comunismo ibérico»<sup>7</sup> No delírio frequente na Europa dos anos 30 do século passado, o ditador português via a II República espanhola como uma ameaça que levaria Portugal a incorporar-se na «Federação das Repúblicas Soviéticas Ibéricas»<sup>8</sup> No apoio ativo que concedeu a Franco, Salazar tornou a fronteira com o país vizinho na armadilha de muitos combatentes republicanos que aí esperaram encontrar refúgio, colocou forças militares e policiais ao serviço dos nacionais, recrutou mercenários e garantiu um efetivo isolamento da República. Mesmo que no final da II Guerra Mundial o regime salazarista tenha tentado disfarçar o seu papel nesta guerra, escudando-se atrás da versão oficial de neutralidade, dando provas de uma notável capacidade de sobrevivência perante os momentos em que a situação política europeia lhe poderia ser desfavorável, não sobram dúvidas da sua cumplicidade e apoio ao *alzamiento* militar iniciado por Franco em 1936.

Partindo desse pressuposto, Manuel Loff analisa em pormenor a historiografia portuguesa a

---

<sup>6</sup> Mário Dionísio, *Autobiografia* (Lisboa: Casa da Achada, 2017), p. 30.

<sup>7</sup> Salazar. «Portugal, a aliança inglesa e a guerra de Espanha». (Lisboa: SNP, Imprensa Nacional, 1937) p. 14

<sup>8</sup> Salazar. 1937. «Portugal, a aliança inglesa ...» p. 37

propósito da relação dos dois países durante o tempo que durou do conflito espanhol e lembra o «papel tão central na definição ideológica e internacional do regime salazarista que a lógica censória deste se abateu implacavelmente na produção bibliográfica e literária que se publicava em Portugal sobre o conflito»<sup>9</sup>. Dialogando com o trabalho de César de Oliveira, Loff coloca-nos perante um estranho e doloroso dilema da análise historiográfica que é o da capacidade de condicionamento sobre o futuro que sobrevive às ditaduras que beneficiam ainda que postumamente, desse condicionamento: «o peso que tem na análise histórica a própria autodefinição do Salazarismo e as suas teses oficiais produzidas sobre toda a sua actividade e identidade políticas. Tenho tido ao longo dos anos a possibilidade de sublinhar este particularmente perverso aspecto da história das ditaduras: o de podermos perceber, em determinados contextos, a sua capacidade de condicionar deliberadamente a construção da memória futura que delas as sociedades necessariamente terão»<sup>10</sup>

O trabalho de Manuel Loff remete ainda para a influência que a Guerra de Espanha de 1936-39 tem na atualidade do debate político: «A Guerra de Espanha mantém hoje um carácter instrumental em debates políticos da *mais* variada natureza. A sua capacidade de se transformar em metáfora de determinados fenómenos sociopolíticos mantém o estudo do conflito espanhol num ponto quase permanente de ebulição»<sup>11</sup> Também Paula Godinho que trabalhou as questões da fronteira transmontana em Cambedo da Raia foi confrontada com as memórias dolorosas desse período e as suas continuidades nesse tempo *alongado* que permanece ativo na memória coletiva e que pode revelar-se no trabalho etnográfico. Mobilizando a memória de um acontecimento traumático nos anos posteriores à vitória franquista e à resistência que ainda teve lugar, Godinho identifica a partir do seu trabalho de terreno, três fases no processo de rememoração, sendo a primeira delas «um processo de silenciamento de uma recordação, mais intenso do que uma privatização memorial, que acompanha as ditaduras e as ultrapassa, entrando por quase duas décadas após o processo de transição para a democracia»<sup>12</sup>. Esse lastro onde residem continuidades, silenciamentos e formas de rememoração, onde opera o resgate e a disputa em torno das memórias dolorosas que marcaram uma época e que condicionam ainda muitas das formas da política atual, pôde ser identificado por esta investigação nos Pirinéus, através da história de Bielsa, mas também nos relatos de quem viveu o processo de Transição e as expetativas frustradas de que este foi responsável.

O futuro é um país estranho, lembra-nos Josep Fontana ao mesmo tempo que exorta, cientistas sociais e historiadores em particular, «para a tarefa de reinventar um novo futuro, que é ainda um país desconhecido»<sup>13</sup>. “Experiência” e “expectativa” são o par de conceitos que Paula Godinho, no seu último livro, nos faz considerar a partir da relação entre o antigo e o futuro, a recordação e a esperança.<sup>14</sup> Para a Antropologia que olha o futuro como uma hipótese de construção coletiva e não como um destino selado, ou para quem procura uma ideia do tempo histórico, teremos de «prestar atenção às rugas de um ancião ou às cicatrizes em que está presente um destino da vida passada» como nos lembra Reinhard Koselleck<sup>15</sup>. «Não se pára de idear, de pensar o

---

9 Manuel Loff, “A memória da Guerra de Espanha em Portugal através da historiografia portuguesa.” *Ler História* (51): 77–131, 2006, p. 3

10 Loff, “A memória da Guerra de Espanha em Portugal...”p.15

11 *Ibidem*

12 Paula Godinho, Inês Fonseca e João Baía. 2015. *Resistência e/y Memória - Perspectivas Ibero-Americanas*. p.11

13 Josep Fontana, *El futuro es un país extraño – una reflexión sobre la crisis social de comienzos del siglo XXI* (Barcelona: Passado y Presente, 2013), p. 20.

14 Paula Godinho, *O Futuro é para Sempre. Experiência, Expectativa e Práticas Possíveis* (Lisboa: Letra Livre, 2017).

15 Reinhard Koselleck, citado por Paula Godinho, *O Futuro é para sempre...*, p. 147

futuro», relembra-nos ainda Paula Godinho, «mesmo quando se alega que ele está suspenso»<sup>16</sup>.

Diz-nos um recente relatório do *Future Today Institute*<sup>17</sup> que a inteligência artificial é a tendência declarada das mudanças tecnológicas que temos pela frente. Que a biotecnologia através da nanomedicina pode vir a significar cuidados de saúde personalizados através de tatuagens de pele artificial que libertam medicação por nanotubos e avaliam a reação do paciente por microsensores. Que as tecnologias de reconhecimento facial, os óculos de realidade aumentada, são já realidades utilizadas no controlo de populações. Que o dinheiro líquido vai desaparecer em 2030 no espaço europeu e antes disso na China e na Índia.

Júlio Verne e Orwell numa fusão da realidade que é simultaneamente um sinal da crise planetária, mesmo que parte destas realidades tecnológicas possam corresponder a avanços significativos em campos como a biomedicina. A barbárie que vaticinava Rosa Luxemburgo, quando o capitalismo era muito mais o cheiro da pólvora do que de *microships*. Ter hoje um computador, um *tablet* e um telefone *inteligente* parece-nos natural. E continua a parecer-nos natural quando temos de mudar de aparelho cada dois ou cada três anos. Não queremos ser obsoletos, e mesmo se isso não nos fizer grande diferença, há a obsolescência programada dos materiais feitos para não durar. O outro lado desta orgia de consumo tecnológico pode ser o Ghana, num subúrbio de Agbogbloshie, onde cerca de 20 mil pessoas vivem deste lixo que lhes chega diariamente em contentores. Queimam o plástico a céu aberto e da cinza fumegante, retiram com os dedos minúsculos circuitos de cobre e de ferro com que fazem bolinhas que vendem a peso. Vivem do lixo de uma civilização tecnológica, em cidades construídas sobre lixo. Na utopia de consumo em que vivemos, outros vivem do nosso lixo, sentados numa montanha que cresce cada dia<sup>18</sup>.

Na complexidade globalizada da produção e consumos crescentes, na malha estreita das possibilidades de um modelo de organização social que não faça equivaler desenvolvimento com destruição ambiental e, simultaneamente, direitos laborais reservados às populações trabalhadoras do primeiro mundo, as experiências registadas nos Pirinéus do Alto Aragão são fruto de uma continuidade visível com a história do conflito que dividiu Espanha nos anos 1930. Não só pelas condições de vida que as políticas de industrialização, controlo dos rios, produção florestal e energética determinaram, mas sobretudo pela resistência que aconteceu sempre naquele território. Uma resistência dos vencidos, que até aos anos 1950 ainda andaram pelas grutas das montanhas de armas na mão a sonhar com o dia em que derrotariam Franco.

Essas histórias continuaram até aos dias de hoje, nas memórias transmitidas através das gerações, nos exemplos de luta que perduraram e influenciaram todos os movimentos sociais que disputam hoje visões de futuro para o território onde o abandono das montanhas e as formas de vida passadas são argumentos de uma cultura de resistência comum a quem ocupa aldeias abandonadas. No Estado espanhol do século XXI, a Guerra Civil que inaugura a ditadura franquista não é um assunto exclusivo do passado, mas antes uma referência que continua a dividir e a situar muitos dos momentos da etnografia realizada nesta investigação. As referências às organizações como o POUM ou a CNT/FAI são permanentes nos espaços comuns das aldeias que revivem novas vidas a partir da ocupação. A consciência de que foi o regime franquista o autor e obreiro da desertificação verificada provoca analogias inevitáveis com os responsáveis políticos atuais que crêem que a sua legitimidade continua a residir nas forças repressivas e não na vontade popular. Usando a desobediência civil como estratégia inicial, o movimento de ocupação que esta investigação procurou seguir, pode seguir por caminhos de normalização institucional, de participação na vida

---

<sup>16</sup> Godinho, *O Futuro é para sempre...*, p. 148.

<sup>17</sup> <https://futuretodayinstitute.com/2018-tech-trends-annual-report/> acessido em 9 de maio 2018

<sup>18</sup> *At the other side of technology*, José Prieto e Leonardo Llamas, 2016. Documentário exibido a 13 de abril 2018 em “Espello, XVI Festival Internacional de Documental Etnográfico de Sobrarbe”.

pública das comunidades, fazendo delas parte integrante, mas não deixa de estar colocado em permanência perante a possibilidade de uma ação musculada do Estado perante a qual o regresso a estratégias de desobediência constitui-se como repertório de luta.

Nos registos etnográficos que se seguem, o passado de resistência das anteriores gerações deixa uma marca significativa que hoje disputa os territórios de amanhã através da resistência quotidiana que pode trazer luz à dialética entre lutas visíveis e invisíveis, pequenas e grandes, organizadas e individuais. Uma continuidade entre passado e presente que acompanha o entendimento de «como o dissenso individual se torna (ou não se torna) em ação de massas»<sup>19</sup> e de como «o protesto social deve ser entendido como um processo em curso em vez de um estado já adquirido»<sup>20</sup>. Nesse sentido, a ditadura franquista é o cadáver que nunca foi enterrado, que continua a reproduzir quer os seus herdeiros e práticas políticas, quer acontecimentos e os grupos que lhes resistem.

### **Viver sem donos**

De família de carpinteiros, sabia bem a diferença entre uns e outros. Uns eram feitos de aparas, restos do trabalho na madeira, com formas variáveis que o pai levava para casa no fundo do bolso do casaco. Os outros eram todos semelhantes, encerados e com lustro até podiam ser soldadinhos perfilados pela imaginação infantil. Em criança eram os palitos que anunciavam a divisão do seu mundo entre quem tinha posses e os que nada tinham. O pai trabalhava para familiares numa fábrica de móveis. Em sua casa os palitos eram os mais baratos, chatos e quebradiços. Em casa dos primos e tios que empregavam o pai, usavam-nos redondos. Para os seus olhos de criança, os palitos simbolizavam as diferenças de classe, tornavam-nas visíveis no seio da mesma família, faziam crescer as diferenciações da vida que levavam. Ainda hoje associa os palitos redondos à riqueza e bem estar de uma classe que não é a sua.

Nacho nasceu em Saragoça numa família que migrou de Teruel para a capital de Aragão. Antes disso, a seguir à guerra, os seus avós foram forçados a ir para Valência quando Franco quis colonizar a cidade que foi a última capital da 2ª República. Passados uns anos, voltaram a Saragoça onde os pais de Nacho se conheceram e onde viveram. Com quatro irmãos, a vida foi difícil e o salário do pai era pequeno para as despesas da família. A mãe foi cabeleireira em casa, professora de costura e chegou a ter uma pequena loja de lãs. Nacho frequentou a escola profissional, onde estudou construções metálicas e neste percurso escolar viveu o período da transição depois da morte do ditador. Lembra-se como a repressão aos estudantes permaneceu mesmo depois da democracia instalada e do pacto constitucional. Lembra-se como a esperança inicial deu lugar à revolta e como esta o fez procurar uma vida simples, fora do bulício da cidade. Conheceu os Pirinéus quando estava nos escuteiros e aí fazia saídas de campo. Foi quando deu com a primeira aldeia abandonada, espaço fantasmagórico onde os objetos pessoais ainda povoavam as casas vazias para assim lembrarem os visitantes que as memórias não se apagam senão com a erosão do tempo.

Com dezanove anos foi chamado para cumprir serviço militar. As ilhas Canárias eram o seu destino, mas a vida castrense não o tentava e era uma perspetiva violenta face às suas convicções. Foi objetor de consciência antes da lei de objeção, daqueles que ficaram amnistiados quando a lei foi aprovada. Quando resolveu ir viver para uma dessas aldeias abandonadas dos Pirinéus, evitando o confronto com o seu irmão mais velho que era militar de carreira, cumpriu o sonho de viver a sua vida perto da Natureza.

Hoje é um veterano do movimento de ocupação rural onde quase toda a gente é bastante mais jovem. Circula pela região que conhece desde essa época, quando chegava a passar meses sem ver ninguém e tinha de caminhar um dia inteiro até ao telefone ou mercearia mais próxima. Conheceu velhos que ficaram depois do êxodo das suas aldeias, viveu com eles e com eles partilhou campos e culturas, trabalho e serões à lareira. Com eles entendeu que o abandono destas aldeias foi

---

19- Richard G. Fox and Orin Starn (coord.). *Between Resistance and Revolution*. (New Jersey: Rutgers. 1997). p. 6

20 *Ibidem*

um processo de extermínio ainda hoje latente:

[...] el mayor tabú de los pueblos deshabitados son todos los abuelos que se han muerto en la huida de los pueblos. En la marcha de los pueblos. ¡Una barbaridad! Muchos se murieron en el mismo camino. ¡Se murieron los abuelos! La gente te lo cuenta si tienen muchas confianzas. Los hijos sacaron a rastras a los abuelos, algunos los ataron a la caballería, literalmente atados... muchos abuelos no querían irse de las casas y obligados por los hijos. Es como el mayor tabú que hay cuando me contaban cosas. Muchos ni me han contado, luego he descubierto de cosas que me han contado. Os que no se morían en el camino, la mayoría se iban a Barcelona y se morían. De pena, de no poder salir ni a la calle. De darles todo miedo. De no tener ni los conejos para entretenerse ni las gallinas. (Nacho)<sup>21</sup>.



Exterior da casa de Nacho

Quando finalmente teve um carro, garantia o transporte de bens essenciais e de pessoas até ao médico ou ao hospital. Mudou frequentemente de sítio, partilhou invernos com toxicódependentes em recuperação, com legionários desertores, com jovens como ele, que procuravam nas montanhas uma vida que idealizavam longe da civilização

Nacho é um daqueles informantes que nos escancara portas para realidades que apenas intuímos, é passaporte assegurado para circuitos de pessoas onde a confiança demora a conquistar, que nos estende uma passadeira vermelha para um tempo que persiste no imaginário e em práticas que se reinventam a cada momento. Autodidata, profundo conhecedor da região e da sua cultura, é

---

21 Entrevista realizada a 9 abril de 2018, em Aínsa

etnógrafo com obra publicada em livro e em dois documentários ficcionados. O livro é “etnografia pura e dura”, como explica. O registo póstumo da vida e culturas das catorze aldeias abandonadas no Vale de La Solana onde viveu e que percorreu a pé vezes sem conta. Um dos documentários implicou a reconstrução de uma chaminé onde trabalhava durante a semana para ao sábado e domingo receber em sua casa a equipa de produção, atores e figurantes que ali iam filmar as sequências do filme que imaginou. Nesses fins de semana de rotação, chegou a receber mais de cem pessoas, vestidas à época e a falarem aragonês, uma língua hoje em desaparecimento mas que no tempo do filme ainda se usava nas aldeias cheias de vida. O filme retrata uma aldeia antes do tempo de abandono, onde a reconstrução de uma chaminé tradicional do Alto Aragón é o pretexto para um retrato feito através de tudo o que Nacho conseguiu recolher das tradições, das histórias e das formas de vida dos habitantes que o antecederam. O guarda-roupa e os objetos presentes na filmagem foram aqueles que Nacho foi recolhendo das várias aldeias por onde passou. Roupas remendada uma e outra vez, que era como se usava naquele tempo.

Foi a produção deste filme que o fez, com mais duas pessoas, iniciar o que é hoje um importante festival internacional de cinema documental. O *Espiello* (que significa espelho em aragonês) realiza-se há dezasseis anos em Boltaña, capital de comarca nos Pirinéus de Aragón. Começou como uma mostra de cinema documental para Nacho e outros fazedores de filmes poderem partilhar os seus trabalhos. Hoje recebe obras e realizadores de todo o mundo e é um marco importante na vida daquela comunidade que, durante duas semanas, através do cinema, observa e reflete sobre o mundo em que vivemos, em todas as suas latitudes e em muitas das suas dimensões. Nacho já não está na organização do festival, mas acompanha-o e pertence ao júri, que seleciona os filmes que vão integrar cada edição.

Com cinquenta e cinco anos, tem um nome para si e para os que como ele foram para a montanha viver uma vida longe da cidade em ritmos mais determinados pelos ciclos naturais: “neururais”. Explica que geralmente são vistos como *hippies* mas que os *hippies* foram um fenómeno de 1968 e que agora funcionam como uma etiqueta que classifica quem vai viver para uma aldeia abandonada. Nos encontros de ocupação rural que frequenta e onde organiza a troca daquilo que produz por outros produtos que outros produzem, há todo o tipo de pessoas e de influências de diferentes tribos urbanas: punks e neopunks, modernos ou gente do *heavy metal*, mochileiros e intelectuais. Todos em ambiente rural, rodeados por montanhas, não deixam de ter qualquer coisa da estética *hippie* e das revoltas juvenis dos anos 60 e 70 do século passado.

A casa onde vive só tem acesso a pé ou com tração às quatro rodas. Quando chove, o caminho é muitas vezes cortado pelas correntes da água. Vive com dois burros, três cabras, quatro cavalos, três cães e um número incerto de gatos. Ocasionalmente recebe visitantes por períodos de duas ou três semanas da rede WWOOF<sup>22</sup>. Pela terceira vez consecutiva, os tomates que produz receberam o prémio da comarca para os melhores tomates. Também já ganhou o mesmo concurso com uma beringela de um quilo e meio, mas recusa sempre o prémio que são adubos químicos que não utiliza. Aos organizadores faz sempre o mesmo reparo: se fossem ferramentas ainda lhes daria préstimo.

Da vida que ficou para trás, do jovem insubmisso ao serviço militar que foi para as montanhas sem ter documentos de identidade, até à pessoa que ali se fez homem e que soube encontrar as histórias doridas de quem teve de deixar as suas terras, Nacho fez destas montanhas a sua casa. Percorreu os caminhos de todas as aldeias abandonadas e entendeu como esse abandono foi determinado por políticas que, ao mesmo tempo que prometiam a modernidade industrial, destruíam formas de vida, desarticulavam comunidades e forçavam a partida. Desse tempo que ficou para trás Nacho retira a conclusão essencial:

---

22 *World Wide Opportunities on Organic Farms* é uma rede internacional, que organiza o voluntariado para projetos em torno da agricultura biológica e da ideia de formas de vida alternativa. Em troca de alojamento e alimentação, os voluntários dão horas de trabalho diário no projeto que escolheram e nos tempos acordados com quem os recebe.

Ser autosuficiente y no necesitar dinero es imposible. Ahora lo que quiero... mira, no sé, ir viviendo, ir haciendo cosas, probando cosas sobretudo. Hace unos años si que pensaba que podía ser autosuficiente, pero tenía cosas, tenía coche (*Nacho*).<sup>23</sup>

Santi instalou a granja no terreno que comprou e onde recebe visitas em programas que podem variar de tema, duração e preço. Quem recorre a estes serviços são essencialmente pessoas de Saragoça, do País Basco e Barcelona que querem mostrar aos filhos os animais da quinta e usufruir das várias possibilidades de passeio. Apesar de ter um sítio na internet para divulgar a oferta é sobretudo o boca-a-boca que funciona para a angariação dos visitantes/clientes. A poucos quilómetros, o mosteiro de *San Juan de La Peña*, onde diz a lenda que um caçador caiu a um precipício para se salvar milagrosamente e encontrar uma ermida com um cadáver. Agradecido, o jovem caçador torna-se no ermita e funda assim a narrativa que, a partir do século X, serviu a construção do monumental mosteiro cavado na rocha e dedicado à ordem dos monges de Cluny. Nas imediações o casal que transformou as silvas do abandono em forma de vida, que usa a terra e os animais, não como finalidade produtiva imediata, mas como ativo pedagógico com valor económico.

O terreno que Santi comprou revela-se com o tempo, «uma explosão de vida», ao indicar os cursos de água que se vão descobrindo com as cabras, vacas e burros que também traçam os caminhos para os humanos. Com trinta e quatro anos, veio de Barcelona onde vivia na zona histórica para cumprir a objeção de consciência ao serviço militar em equipas de salvamento por esquí. Afirma-se insubmisso, mesmo que a insubmissão seja não acatar o serviço civil que acabou por cumprir. Ficou depois a trabalhar em educação ambiental em Jaca e daí nasceu o projeto da Granja com o objetivo do resgate de antigas técnicas de construção, de cultivo e de reprodução de raças autóctones. Pela segunda vez está a fazer o mesmo telhado de palha de um abrigo. A primeira tentativa acabou no estômago das cabras e cavalos que o comeram, aproveitando um momento de desatenção de Santi. Paredes de cal decoradas com óxido de ferro, o antigo lagar transformado em banheira, uma sala isolada com vidro, repleta de livros e mobiliário antigo, uma escada de caracol para o andar superior, tornam a casa um testemunho de tempos idos e ao mesmo tempo de confortável modernidade. A placa solar em projetada instalação ajuda-los-à a passar o rigor dos próximos invernos.

Maria, a sua companheira, trabalha no cinema da cidade durante os meses de inverno. Vende pipocas ao público e não partilha da convicção de Santi quando este diz que «o dinheiro não é um valor fundamental para viver». Mas acompanha-o no resgate da memória das técnicas que indaga junto dos velhos da região, e sente o mesmo entusiasmo sempre que encontram no terreno vestígios neolíticos que gostam de pensar ser instrumentos para escavar alhos e cebolas. Nos solstícios conseguem encontrar uma justificação para estes encontros com vestígios do passado: o terreno tem uma localização privilegiada para apreciar o sol e a lua, o que os faz pensar ser um local de culto para as populações que ali viviam há milhares de anos atrás.

A produção de centeio para a construção do telhado de palha serviu de pretexto para a visita à Granja. Nacho veio para obter sementes para experimentar a cultura de centeio onde pretende deixar a casca. Os dois homens pertencem a uma rede de sementes *Pirinéus livres da Monsanto* e conheceram-se num curso de agricultura ecológica. Como os visitantes traziam fanel e mão-de-obra disponível para organizar fardos e *pentear* a palha, Santi considerou pagamento suficiente.

Na incontornável revelação do trabalho etnográfico, Santi e Nacho, Maria a companheira de Santi, a família búlgara de *woofers* e os antropólogos em trabalho de terreno brindam às utopias que, «como esperança de um mundo mais justo são uma coisa de esquerda», esclarece Nacho. O brinde é feito com vinho do Douro. Nada etnograficamente mais adequado!

---

23 Entrevista realizada a 9 abril 2018, em Aínsa



Construção de telhado de palha na granja de Santi

## Espreitar o Mundo

A filha nasceu num dia primeiro de maio, em Madrid, Franco ainda estava vivo. No percurso para o hospital teve de passar pelos confrontos entre manifestantes e a polícia, esconder-se e correr pelas ruas sitiadas, conforme podia, durante as contrações do parto. Por causa do dia em que nasceu e por tudo o resto, chamou-lhe “Liberdade”, “Marta Liberdade”. A avó chamava-a sempre alto e bom som “Liberdade, vem cá!”, em provocação aos vizinhos, à sociedade temerosa da repressão política e em que a palavra *liberdade* era perseguida por uma ditadura que se esboroava sem perder a ferocidade dos tempos iniciais. Nesse tempo trabalhava numa grande multinacional metalúrgica. A fábrica de Madrid era das maiores de um grupo industrial que tinha vinte mil trabalhadores nas diferentes unidades espalhadas pelo país. Com mais dez colegas, homens e mulheres, resolveram em 1978 deixar Madrid, deixar a fábrica e o tempo contado do trabalho na linha de montagem, procurando uma alternativa de vida no campo. Depois de uma tentativa em Burgos, estabelecem-se nos Pirinéus na busca de um local para viver em comunidade. Da vida operária em Madrid recorda um tempo intenso de lutas e muita esperança quando o ditador morreu e a liberdade tornou-se uma possibilidade real. Mas a desilusão chegou cedo e determinou a vontade de mudar.

Llego un momento en que empezamos a pensar que la vida tendría que ser otra cosa, que no tenía que ser llegar todos los días a fichar con la tarjeta para entrar en la fábrica. Pensábamos desde nuestra juventud, esto va para largo, esto no va cambiar, tenemos que empezar a cambiar nuestras vidas... (Lucía).<sup>24</sup>

24 Entrevista realizada a 10 de abril 2018, em Aínsa

Hoje vive com o marido, que designa *companheiro*, numa casa que já foi casa de padre, ao lado de uma Igreja. O projeto inicial de vida comunitária foi sendo transformado pelas condições que encontraram e, aos poucos, cada um refez a vida, longe da cidade e da anterior realidade operária. Das dez pessoas que vieram no grupo inicial quase todos se mantêm pela região. A filha que veio com cinco anos, foi estudar e trabalhar para a cidade, mas resolveu voltar às montanhas quando engravidou. Treze anos depois, ainda por lá se mantém.

Lúcia tem hoje setenta anos, veio para os Pirinéus com trinta e um. Fala do tempo de Madrid com a distância de quem já lançou raízes noutra sítio, apesar do pai e da mãe serem da capital, caso raro na sua geração. Começou a trabalhar aos quinze anos, em pequenas fábricas, para ajudar a frágil economia familiar. Com Nacho começou o Festival *Espiello* e continua ainda hoje a ser pessoa central na sua organização. Fala com entusiasmo dos filmes, dos realizadores que vêm de longe, da oportunidade para espreitar o mundo através dos olhares cinematográficos que as duas semanas do festival proporcionam.

Yo creo que se abren los ojos al mundo. Y descubres cosas que no sabías que estaban pasando en la otra punta, Australia - que es lo más distante de lo que tenemos aquí. La cultura es lo que hace, abrir los ojos y la mente y comprender y ser solidario y esas cosas (Lucía).

Em 2018 fez parte também do grupo de mulheres que organizou a greve feminista do 8 de março. Mais de 600 pessoas, homens e mulheres, nas ruas de Aínsa, que não chega a ter dois mil habitantes. Recorda como as mulheres das aldeias a impressionaram desde sempre:

Mujeres muy valientes, trabajadoras, que con el tiempo han ido reconociendo los demás sitios, que llevaban cantidad de cosas. [...] Pero unas mujeres con unos valores...! Asombraba como gestionaban la casa y como llegaban a tantísimas cosas. Valles donde las mujeres eran la cabeza principal. Vamos... No había la palabra (feminismo), pero la capacidad que tenían esas mujeres no lo tenían los hombres, en muchas cosas (Lucía).

Razões de esperança na mobilização feminista que integrou, mas que não a fazem deixar de olhar o mundo em que vive com apreensão. Na crise de refugiados no mediterrâneo e na hipocrisia europeia que permite que ele se transforme num obstáculo fatal para milhares de pessoas que procuram uma vida melhor, no fechamento da política espanhola e no retrocesso em muitos dos direitos de quem trabalha. Lúcia não tem telemóvel, o rádio, o telefone fixo e a internet chegam-lhe para se comunicar com o mundo. Lembra-se quando era criança que se ouvia a Rádio Moscovo em casa, sem confiança nas emissoras do regime franquista. Mais tarde, durante a transição aprendeu a ler nas entrelinhas dos jornais, tudo aquilo que ainda se dizia a medo.

Zygmunt Bauman na sua derradeira obra reflete sobre aquilo que chama de *retrotopias*. «Mundos ideais ancorados num passado perdido/roubado/abandonado que ainda assim resistiu a morrer, e não nesse futuro ainda por nascer»<sup>25</sup>. Nos Pirinéus e nas histórias de abandono forçado de aldeias em nome de uma ideia de progresso, no sacrifício da ruralidade através do desenvolvimento industrial, o território desertificado é uma consequência que condenou gerações e que deixou cicatrizes profundas no tecido social. Nacho, Lúcia e Santi aproximar-se-ão dessa *retrotopia* na definição de Bauman, mas refletem com intensidade um desejo inicial que não esmoreceu com o

---

25 Zygmund Bauman, *Retrotopia* (Barcelona: Paidós, 2017), p. 14.

tempo e que antes lhe conseguiu acompanhar os passos. A vida que desejaram quando jovens, e que de certa maneira alcançaram, encontra-se profundamente conectada com o tempo, as tecnologias e os conhecimentos do século XXI. A experiência muda a maneira como se idealiza o mundo e como se constroem redes que permitem sair da individualidade e pensar a partir do coletivo social. E se o futuro por nascer estiver já aí, subtilmente a espreitar através de todas as experiências que resistiram e resistem ainda à fatalidade neoliberal?

Nos territórios que já são chamados da Lapónia espanhola – o abandono e deserto demográfico – procuro sinais do que pode vir a ser, vislumbres de um futuro ainda que improvável. Procuro-os no Porto também, onde os efeitos da última crise – última?! – levaram muitas pessoas a procurar alternativas nos recursos disponíveis, sem nada esperarem do estado, sem serem à espera do ciclo favorável da economia que não chega nunca. Sem a certeza das grandes utopias que esperam transformar o mundo, talvez só, como sugere a filósofa Marina Garcês, quando reflete sobre o seu percurso na sua Barcelona natal dos anos 90: “nenhum relato de progresso se aplica a estes tempos, mas poderemos manter uma atitude emancipatória sempre que pensarmos que o vivido não é uma etapa em direção a um futuro melhor, mas antes uma ferramenta para uma vida mais digna”<sup>26</sup>. Na utopia concreta de Ernst Bloch, a esperança é projeto de luta e rutura que assenta na história de uma força social e do seu papel, ainda que pouco reconhecido. A esperança perigosa, a esperança possibilidade, a esperança emoção serão assim um programa possível, certamente necessário, para os tempos que vivemos.

---

<sup>26</sup> Marina Garcês, *Ciudad Princesa* (Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2018), p. 41.